

## Percepções e realidades do trabalho do idoso, especialmente da mulher idosa

EVA PAULINO BUENO\*

### Resumo

Este ensaio trata a questão do trabalhador idoso, concentrando-se na trabalhadora idosa. Fazendo uma breve revisão da pesquisa feita em vários países, o texto mostra que, apesar das mulheres terem entrado o mercado de trabalho fora/além dos seus trabalhos tradicionais dentro da sua casa, ainda existe muito preconceito, especialmente contra a mulher idosa. Ao indagar de onde vêm estes preconceitos, o texto propõe possibilidades de maior justiça, usando como exemplo o trabalho recente feito por um grupo de pesquisadores internacionais que mostra que no continente africano, mesmo as mulheres mais idosas (as avós) continuam tendo um papel preponderante dentro de suas famílias.

**Palavras chave:** Trabalhadora idosa; mercado de trabalho; família; justiça social

*Perceptions and realities of the work of the elderly, especially the elderly woman*

### Abstract

This essay treats the issue of the older worker, concentrating on the female older worker. After a brief revision of research on the situation of female workers in different countries, the text shows that, although women have entered the job market outside/beyond their traditional role in the family, there is still a lot of prejudice, especially against the older female worker. In the process of inquiring where these prejudices come from, the text proposes more fair possibilities, taking the examples given by a team of international researchers that show that, in the African continent, even older women (the grandmothers) continue having a very important role in their families.

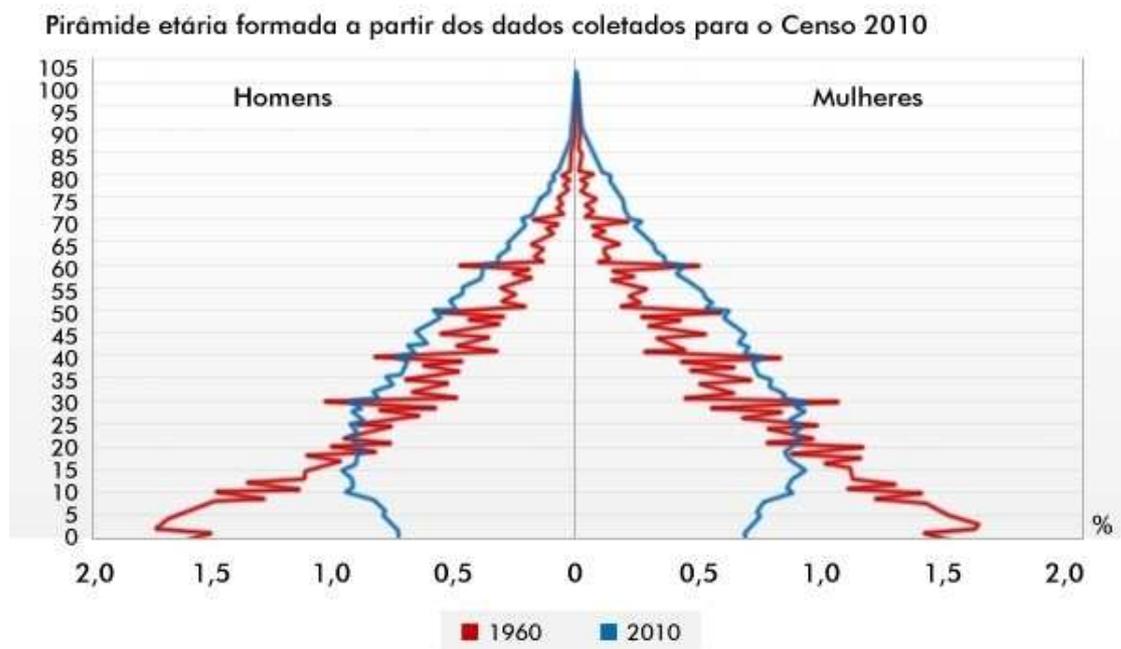
**Key words:** Older female worker; job market; family; social justice



\* **EVA PAULINO BUENO** é professora de Espanhol e Português na St. Mary's University, em San Antonio, Texas. É autora de vários livros e artigos sobre literatura brasileira, cultura popular, e estudos da mulher. Seu livro mais recente é uma enciclopédia, *Latin American Women Writers*, An Encyclopedia (Routledge)

O Brasil, como muitos países desenvolvidos (e na realidade até em países nos níveis mais baixos de desenvolvimento econômico), está observando que o número de pessoas idosas está aumentando. Se até 1960 a média de vida dos brasileiros era de 48 anos, no último censo, de 2010, se vê que a média passou a 73.4 anos. Hanrikson

de Andrade, do UOL, cita os técnicos do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) que dizem que se constatou também uma redução nos níveis de fecundidade no Brasil, de 6,3 filhos por mulher para 1,9 filhos por mulher nesse período, e que este é um “valor abaixo de reposição da população.” (ver gráfico da Pirâmide etária abaixo)



1

Com o fenômeno de vidas mais longas para homens e mulheres em todos os continentes, uma pergunta que sempre ocorre é o que fazer com e para as pessoas mais velhas, que ainda estão saudáveis o suficiente para continuarem trabalhando. Ao mesmo tempo, com menos crianças nascendo, vai ser crucial para todos os países o melhor aproveitamento do conhecimento e da habilidade técnica da população, independente de idade.

Logicamente, podemos olhar os filmes e ver o que tanto Hollywood como as outras indústrias cinematográficas nos

sugerem sobre como as pessoas idosas são tratadas. É incrível o que podemos aprender com os filmes!

Um exemplo é o filme “O estagiário”, em que um senhor muito bem apessoado, depois de se aposentar e perder a esposa, decide voltar a trabalhar e consegue um emprego de estagiário numa companhia criada por uma jovem que supervisiona seus funcionários andando de bicicleta dentro do escritório. Lógico que ajuda a causa do estagiário o fato dele ser representado por Robert de Niro (a audiência imediatamente começa a “torcer” pelo seu personagem). Então,

<sup>1</sup> Ver mais detalhes na página do IBGE.

apesar (ou talvez precisamente por causa) dele ser velho o suficiente pra ser quase avô de todos os seus colegas de trabalho, apesar dele ter um telefone modelo antigo (que, convém lembrar, era a última moda em 2007), apesar dele ter sido um executivo em uma linha de negócio que não existe mais (lista telefônica), ele consegue ganhar a confiança de todos, porque ele também tem qualidades que nunca passam de moda: ele é gentil, agradável, leal, e especialmente “cavalheiro”, aquela qualidade que é indefinível, porque envolve tantas outras qualidades em um homem. Lógico que “o estagiário” ajuda a jovem dona a salvar a companhia e seu casamento, ensina bons modos e técnicas de sedução aos homens mais jovens, e fica com a mulher bonita, supostamente da sua idade (mas que na verdade parece ter pelo menos 20 anos menos que ele).

Dentro da linha dos velhos que resolvem os problemas, no Brasil destaco a comédia “A repartição do tempo,” que traz o veterano Dedé Santana, de 83 anos (o policial), e Tônico Pereira, de 71 anos (o inventor Dr. Brasil). Também neste filme o grosso da ação fica por conta de artistas mais jovens. Mas aqui a esperteza dos mais velhos, muito ao sabor do saudoso programa “Os trapalhões” da televisão, resolvem o dilema da exploração dos funcionários e seus clones. Os veteranos salvam, se não a pátria, pelo menos a ordem das coisas, e tudo volta ao seu tempo e ao seu lugar.

Entre as muitas coisas que encontramos na internet, no Netflix temos a segunda parte da série “The Kominsky Method,” em que Sandy Kominsky, um ator de 66 anos (representado por Michael Douglas) ensina a um grupo de jovens seu método de atuação teatral, enquanto tenta resolver seus problemas pessoais. Os amigos de Kominsky são todos “da terceira idade”, então parte dos

problemas apresentados são aqueles que afetam esta faixa etária masculina. E também no Netflix está a série “Grace and Frankie” (representadas por Jane Fonda e Lily Tomlin, respectivamente), em que duas mulheres (da classe alta, com casa na praia na Califórnia, etc.) tentam refazer suas vidas depois que se revela que seus maridos (sócios em um escritório de advocacia) eram homossexuais e mantinham um relacionamento amoroso há muitos anos.

Nesta amostra de filmes e séries de televisão, vemos que os homens continuam trabalhando, alguns em suas carreiras de toda vida, e outro (em “O estagiário”) inventando uma nova em que utiliza o que trazia de mais importante de tudo que tinha aprendido. Já em “Grace and Frankie,” quando Grace tenta voltar à companhia que tinha criado e deixado com sua filha ao se aposentar, ela não é bem recebida, e tem que se juntar às ideias de Frankie e começar uma companhia em que vendem aparelhos eróticos para mulheres da “terceira idade”.

Mas a vida real nem sempre é igual à arte, embora se diga que “a arte imita a vida”. Para as mulheres REAIS no mundo REAL, a velhice é muito mais complexa, e muitas vezes não muito poética, especialmente quando as mulheres querem ou têm que trabalhar para se sustentar ou ajudar a sustentar a família, e não são senhoras ricas como Grace and Frankie, cuja entrada em um lugar é precedida pela sua “aura” de dinheiro e poder, como no exemplo acima.

### **Invisível?**

Há uns vinte anos atrás, uma amiga, que na ocasião tinha chegado à casa dos 60 anos de idade, comentou que se sentia invisível. Ela tinha deixado de lecionar quando seu único filho nasceu e

precisava de tratamento especial. Minha amiga continuou trabalhando em casa no seu ramo, arte. Fez alguns shows, vendeu seu trabalho, e se manteve dentro do ramo, mas não como professora. Quando o filho terminou o colegial e foi para a universidade, ela tentou voltar a trabalhar. Para sua surpresa, apesar de ter o mestrado e ter mantido um perfil profissional (embora mais diminuído) por cerca de 17 anos, não conseguiu voltar a lecionar. O mundo da universidade tinha mudado muito em quase duas décadas, e ela teve que se conformar em continuar trabalhando em casa, fazendo sua arte. Ela me disse que esta parte, apesar de dolorosa, foi compreensível e suportável, porque de qualquer forma contava com o apoio do marido, o carinho do filho e dos amigos. Mas, comentou ela, o que foi difícil foi ver que na sociedade em geral ela tinha ficado invisível. Um dos exemplos que deu foi de como está se tornando difícil atrair a atenção de vendedores de loja, num lugar em que supostamente se atende bem o freguês e a freguesa.

Foram várias vezes, de acordo com ela, em que teve que praticamente implorar para que a atendessem, enquanto homens da sua idade são muito melhor atendidos por caixeiros, atendentes, garçons, etc.

Esta experiência talvez não fosse tão relevante, se fosse somente de um indivíduo. Mas não é. Outras amigas e conhecidas que estão nesta faixa etária se ressentem da mesma falta de atenção dos mais jovens, e não conseguem suprimir a impressão de que estão paulatinamente se tornando invisíveis.

Por que seria tal o caso? Talvez, porque as mulheres em geral trabalham em profissões menos bem pagas que as profissões tradicionalmente “masculinas”. Talvez, pelo menos de acordo com o “Fact Sheet” do *Women’s Bureau do Department of Labor* dos Estados Unidos, existe um grande número de mulheres acima de 65 anos desempregadas, só sendo menor que o número de mulheres de 20 a 24 anos sem um emprego.

Table 2. The Rate of Unemployment by Age and Gender, 2007 to 2012 (in Percent).

<b>WOMEN</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>
20-24	7.3	8.8	12.3	13	13.4	12.1
25-54	3.8	4.6	7.2	7.8	7.6	7.1
55-64	3	3.7	6	6.2	6.1	5.6
65 and older	3.1	3.9	6.1	6.2	6.5	6.3
<b>All Women</b>	<b>4.5</b>	<b>5.4</b>	<b>8.1</b>	<b>8.6</b>	<b>8.5</b>	<b>7.9</b>
<b>MEN</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>
20-24	8.9	11.4	17	17.8	15.7	14.3
25-54	3.7	5	9.2	9.3	8.2	6.9
55-64	3.2	3.8	7.2	8	7.1	6.3
65 and older	3.4	4.5	6.7	7.1	6.5	6.2
<b>All Men</b>	<b>4.7</b>	<b>6.1</b>	<b>10.3</b>	<b>10.5</b>	<b>9.4</b>	<b>8.2</b>

Source: U.S. Bureau of Labor Statistics, Current Population Survey.<sup>27</sup>

O “Fact Sheet” não elabora por quê o desemprego entre as mulheres da faixa etária de 20-24 anos teve uma alta de quase o dobro, mas devemos imaginar que a culpa foi da “Grande Recessão”,

porque o mesmo aconteceu com homens desta mesma faixa etária. Agora, o que é interessante perguntar é a base salarial da mulher em comparação com o homem. No caso das mulheres da “terceira

idade”, vemos no seguinte quadro que as profissões em que elas estão mais

representadas não são as mais bem pagas:<sup>2</sup>

Table 1. The Ten Most Common Occupations for Women Ages 55 and Older, 2011.

	Occupation	Number of Women Workers Ages 55+	Percent of All Women Workers Ages 55+	Percent of Women Workers Ages 55+ Working Full-time*
1	Secretaries and administrative assistants	984,830	7%	75%
2	Registered nurses	605,922	4%	71%
3	Elementary and Middle-School teachers	574,653	4%	79%
4	Nursing, psychiatric, and home health aides	377,455	3%	64%
5	Bookkeeping, accounting, and auditing clerks	369,829	3%	66%
6	Retail salespersons	357,831	3%	47%
7	Cashiers	299,493	2%	42%
8	Maids and house-keeping cleaners	291,994	2%	52%
9	Personal-care aides	251,893	2%	50%
10	Office clerks, general	251,577	2%	68%

Note: \*Full-time: working at least 35 hours per week.

Source: U.S. Census Bureau, 2011 American Community Survey.<sup>17</sup>

Logicamente, caixeiros e outros atendentes de loja não sabem destes números, mas aqui estamos falando em *percepções*, que são passadas subliminarmente dentro da sociedade.<sup>3</sup> Uma mulher “de idade”, mesmo quando entra numa loja para comprar, se está desacompanhada será percebida como alguém que não tem o mesmo poder aquisitivo que uma mulher que entra na loja com um homem da mesma idade. Mesmo que ele esteja momentaneamente desempregado, as chances de um homem ter tido uma carreira (ou um emprego) por mais tempo, e ter juntado mais dinheiro e poupanças bancárias vão ser maiores, simplesmente pelo fato dele ter uma base salarial mais alta, mesmo nas profissões que em geral são menos bem

remuneradas. Então, talvez isso explique por quê, em geral, os homens são melhor atendidos em lojas (pelo menos na minha experiência e na de minhas amigas e conhecidas).

Ou será que os vendedores acham mais fácil atender um homem cliente do que uma mulher porque acredita que os homens não querem perder tempo olhando muitos modelos e cores da mesma coisa? E se tal for o caso, além das preferências estéticas das mulheres, a sua insistência em achar o melhor, que seja mais bonito, não seria uma consequência do fato delas saberem que talvez não seja fácil ter dinheiro para repor aquele item? Existiria um gene exclusivo para as mulheres que as faz

<sup>2</sup> Profissões: 1. Secretárias e assistentes administrativas; 2. Enfermeiras registradas; 3. Professoras do ensino primário e médio; 4. Cuidadoras com nível de auxiliary de enfermagem; 5. Auxiliares de Contadores e auditores; 6. Vendedoras em lojas; 7. Caixeiros

em lojas; 8. Empregadas domésticas e diaristas; 9. Cuidadoras domiciliares; 10. Empregadas em escritórios.

<sup>3</sup> Ver mais detalhes em <https://www.bls.gov/cps/cpsaat31.htm>

ficar escolhendo as coisas por mais tempo? Ou as mulheres foram socializadas a escolher os objetos antes de comprá-los para evitar gastos desnecessários?

### **Irrelevante, ou, “minha mãe não trabalha, só fica em casa”**

Em seu livro *Invisible Women: Data Bias in a World Designed for Men* (“Mulheres invisíveis: preconceito nos dados em um mundo projetados para homens”, 2019), no capítulo chamado “The Long Friday” (“A longa sexta-feira”), Caroline Criado-Perez conta o seguinte episódio:

By the end of the day, 24 October 1975 came to be known by Icelandic men as ‘the long Friday’. Supermarkets sold out of sausages – ‘the favourite ready meal of the time’. Offices were suddenly flooded with children hopped up on the sweets they had been bribed with in an effort to make them behave. Schools, nurseries, fish factories all either shut down or ran at reduced capacity. And the women? Well, the women were having a Day Off.<sup>4</sup>

Como Criado-Perez conta na continuação deste capítulo, as mulheres daquele país decidiram fazer valer o “Dia Internacional da Mulher”, criado e promulgado pela ONU, e começaram chamando atenção para o fato de que sem seu trabalho é fundamental para que a sociedade continue e progrida. De fato, o trabalho silencioso que a mulher faz, e que em geral não aparece em estatísticas, que não é louvado em câmaras e senados, que não recebe prêmios, é o que

não só traz novos seres humanos ao mundo, mas que os têm mantido no dia a dia, através dos anos, dos séculos, milênios, com o trabalho caseiro, que não recebe prêmios, e só aparece quando não está feito.

A verdade é que, ainda em muitas famílias, a pessoa que cuida de todos os afazeres domésticos é a mãe. Assim foi também na geração da minha mãe, e da minha avó, e nas anteriores. As famílias que tinham dinheiro, contratavam outra mulher (ou às vezes até mais que uma) para ajudar com a limpeza, a cozinhar, a cuidar das crianças. Na verdade, esta “empregada” é outra mulher “que não trabalha.” Quanto as empregadas domésticas lutaram para conseguirem ter “carteira assinada” e terem o *status* de trabalhadoras como outros trabalhadores!

Em vários países do mundo, a situação da empregada doméstica ainda se parece muito com a escravidão. As razões para a situação destas trabalhadoras são muito próximas da própria exploração do trabalho feminino em geral dentro do lar por causa da crença que não é trabalho. Há alguns anos, quando estive em Hong Kong, houve um grande escândalo quando uma das mulheres da classe média alta foi presa por torturar sua empregada doméstica, uma mulher da Indonésia que não sabia falar inglês nem chinês, e assim que chegou à casa da “patroa” foi impedida de sair à rua, falar com outras pessoas do seu país. Depois de prender a empregada dentro de casa, a patroa passou a agredi-la diariamente com pancadas e outras formas de

que tentavam fazê-las se comportarem. As escolas, as creches, as fábricas de peixe todas fecharam ou então funcionaram com sua capacidade reduzida. E as mulheres? Bem, as mulheres estavam tendo “Um dia de folga.” (Tradução da autora).

<sup>4</sup> No final do dia, 24 de outubro de 1975 veio a ser conhecido pelos homens na Islândia como “A longa sexta-feira.” Os supermercados tinham vendido todas as linguiças — “a comida rápida favorita naquele tempo”. Os escritórios ficaram subitamente inundados de crianças excitadas com tantos doces que tinham recebido dos pais

punição física. A situação chegou a tal ponto que os vizinhos chamaram as autoridades ao se cansarem de ouvir gritos no meio da noite. A polícia encontrou a pobre empregada doméstica ensanguentada, com ferimentos por todo o corpo, inclusive na cabeça, nos olhos, com as mãos e os cabelos queimados.<sup>5</sup>

Logicamente, este é um caso raro, dada a brutalidade e ao fato da “patroa”, que era da casta dominante chinesa, sentir que tinha impunidade, e que esta criatura dentro da sua casa era sua para qualquer coisa. A empregada vinha de uma zona rural de um país pobre, a Indonésia, que em geral manda mulheres jovens para trabalharem de empregadas domésticas nos lugares mais ricos da região (especialmente Singapura e Hong Kong), sentia que não podia nem tentar escapar da sua câmara de tortura. Mas como podemos refletir, este ódio da “patroa” contra uma outra mulher que estava sob sua autoridade pode ser visto também como uma espécie de desprezo pelo trabalho que a empregada fazia, isto é, os afazeres domésticos. Seria uma forma de ódio contra ela mesma e sua função dentro da sociedade? Ou talvez simplesmente uma questão de uma psicopata sentindo-se invencível e protegida pelo fato de ser parte da elite dominante do país? Difícil de saber, assim de longe. Mas o fato é que, mesmo no Brasil, apesar de todos os supostos ganhos das empregadas domésticas, é dentro do lar que as mulheres pobres mais sofrem abusos. Há muita coisa das

quais não ficamos cientes, mas podemos imaginar quando nos lembramos de como dentro das casas muito se abafa, muito se esconde.

E é dentro da casa que também se esconde a situação dolorosa das muitas mulheres “velhas.”

Mas o que é ser “velha”? Cada país tem sua definição de “senior citizen”, ou, como dizemos no Brasil, pessoa da “terceira idade”. O *Women’s Bureau* do Departamento do Trabalho dos Estados Unidos usa a idade de 55 como um marcador, apesar de as pessoas aqui só poderem se aposentar com o seguro social completo mais tarde.<sup>6</sup> Aqui, como no Brasil, quem não contribuiu com o Seguro Social, não vai receber nenhuma pensão no fim da vida, não importando o quanto e por quantos anos tenha trabalhado (ou “não trabalhado”) em casa. Isso coloca a mulher em clara desvantagem, já que até muito recentemente, era rara a mulher que podia seguir uma carreira profissional dentro de casa. O que vai acontecer com as mulheres que não pagaram o seguro social e, portanto, não vão ter uma renda mensal quando chegarem à idade em que não poderão mais se encarregar das tarefas domésticas? E as profissionais de hoje? Como estão enfrentando a proximidade da “velhice”?

As mulheres profissionais com quem eu trabalho (pelo menos a maioria delas, todas acadêmicas) não pretendem se aposentar até pelo menos os 65 anos, se não tiverem nenhum problema grave de

<sup>5</sup> Ver mais detalhes do caso na página da BBC disponível em

<https://www.bbc.com/news/world-asia-china-30374002>. A “patroa” Law Wan-tung foi condenada a seis anos de prisão.

<sup>6</sup> A página do Seguro Social (Social Security) traz várias ferramentas para as pessoas calcularem quando podem se aposentar com seu seguro completo, e ver qual a sua expectativa de vida aproximada. Por exemplo, a página diz que,

de acordo com os dados que eles juntaram, “A man reaching age 65 today can expect to live, on average, until age 84.0” (Um homem que chega aos 65 anos hoje tem a expectativa de viver, em média, até os 84 anos”). Já a mulher que complete 65 anos hoje “pode viver, em média, até os 86.5 anos.” <https://www.ssa.gov/planners/lifeexpectancy.html>

saúde. Isto faz sentido. Muitas das mulheres profissionais no ramo educacional só chegaram a terminar o doutorado depois dos 35 anos de idade. Algumas terminam ainda mais tarde. E depois têm que conseguir um trabalho dentro da sua área, o que é em si uma outra luta para passar concursos (aí no Brasil), conseguir um emprego mais ou menos estável (aqui nos Estados Unidos e em outros países que têm o sistema de “tenure” – estabilidade). Não faz muito sentido lutarem tanto para obterem uma posição e “pendurarem as chuteiras” depois de meros dez anos na profissão. E para nós, acadêmicas, o processo de maturação intelectual é algo gradativo, e muitas mulheres, minhas colegas e outras — não podemos nos esquecer! — são professoras, escritoras, mães, esposas, donas de casa, e também muitas vezes têm que cuidar de pais idosos. Tudo isto ao mesmo tempo em que têm que manter suas carreiras, escrever, participar dos eventos profissionais da sua área.

Sim, é bastante complexo ser uma mulher profissional e ao mesmo tempo manter o perfil mais tradicional da mulher. Isto nem sempre é uma coisa que beneficia a mulher, porque, ao mesmo tempo que muitas carreiras profissionais são muito hostis à presença de mulheres, à mulher cabe a maioria das responsabilidades domésticas, o “segundo turno” que começa ao chegarmos em casa. E – para frisar – ainda temos o preconceito contra o trabalho (“não trabalho”) tradicionalmente encarado como responsabilidade da mulher; este preconceito pode se filtrar na maneira como uma mulher é tratada dentro do trabalho fora de casa, especialmente a mulher “idosa.”

### **Um caso recente**

Como eu sou professora de literatura, acredito que as narrativas são uma das melhores maneiras de ensinar algo profundo sobre o nosso lugar e nossa maneira de ser no mundo. Por isto gosto de ilustrar minha escrita com narrativas de acontecimentos que presenciei, ou dos quais participei direta ou indiretamente.

Em uma reunião de professores, que ocorreu recentemente em minha universidade, presenciei um fenômeno de perto. A situação era tensa, e se discutia algo de importância vital para a continuidade da universidade dentro da cultura própria desta universidade, que é e sempre foi uma instituição baseada na ideia que as “Liberal Arts” (“Artes Liberais”) – que inclui o ensino de filosofia, ciência política, teologia, história, língua materna e literatura americana, e línguas estrangeiras a TODOS os estudantes – são o bastião cultural da universidade. Uma colega jovem falou primeiro, apontando vários aspectos importantes na discussão. Em seguida falou outra colega, do mesmo departamento, adicionando pontos cruciais. A segunda colega já está na universidade há quase duas décadas; a primeira, acaba de chegar. Até aí, nada demais, porque sempre é bom que colegas de um departamento se auxiliem em uma discussão deste tipo. Entretanto, neste momento um colega (homem) de outro departamento resolveu responder a alguns dos pontos levantados por ambas professoras. Mas ele falou somente com a colega mais jovem, como se a outra não estivesse sentada ao seu lado e houvesse falado também. Isto quer dizer, com esta atitude, era como se a pessoa mais velha tivesse deixado de existir, ou pelo menos havia deixado de ser relevante. Que importava o que ela dizia?

Este tipo de preconceito vai aparecer em alguma estatística? Logicamente que não! Mas acontece no dia a dia? Logicamente que sim! Então, como escreve Caroline Criado-Perez,

Numbers, statistics, algorithms, all of these are crucial to the story of Invisible Women. But they only tell half the story. Data is just another word for information, and information has many sources. Statistics is a kind of information, yes, but so is human experience. (Preface)<sup>7</sup>

A luta pelo reconhecimento, a celebração do trabalho e da importância da contribuição da mulher em muitas áreas já leva muito tempo, como sabemos. O caminho está aberto à nossa frente. Mas a categoria “mulher” não necessariamente abrange todas as experiências e necessidades de todas as mulheres. Se a categoria “homem” uma vez incluía toda a humanidade e chegamos (chegamos?) à conclusão de que é preferível usar “humanidade”, creio que é hora de pensarmos cuidadosamente no que a categoria “mulher”, ao mesmo tempo que exprime o gênero, esconde outras categorias.

Uma das categorias é racial. A mulher negra, índia, asiática, etc. não necessariamente deseja nem precisa das mesmas coisas que a mulher branca. Outra categoria é de classe. E se há uma mistura de classe e raça, então a condição da mulher fica ainda mais complexa, porque se todas somos iguais, “algumas são mais iguais que outras”. Mas uma categoria da qual não se fala

muito é a categoria de idade. Quem vai falar em defesa da “mulher velha”?

Vejam o que a “mulher velha” tem contra ela. Primeiro, tem a perda de atributos físicos característicos da juventude, e os danos que esta perda acarreta. Evidentemente, nós não inventamos isso! Já vem de há muito tempo. Um exemplo deste tratamento diferente da mulher velha, mesmo depois de morta, é o que escreve David Wexler, quando diz que “Sexism against older women shows up everywhere in contemporary culture — from Hollywood casting tropes to job discrimination” (“Sexismo contra mulheres mais velhas aparece em todos os lugares na cultura contemporânea— desde a seleção de atores em Hollywood à discriminação no trabalho”). E, Wexler continua,

Apparently, this attitude goes all the way back to Anglo-Saxon times. Anthropologists studying graves from between the years 475 e 625 AD in ancient English cemeteries found that young women were buried with more treasure than their older counterparts.<sup>8</sup>

Me parece que faria mais sentido que as mulheres mais velhas tivessem mais jóias para enterrar com elas, já que tinham tido mais tempo para acumular. Mas, talvez, elas eram consideradas menos merecedoras de tais enfeites, já que estavam velhas. Talvez não bonitas mais?

Não podemos esquecer outra coisa que afeta a mulher velha e é a mesma que

<sup>7</sup> “Números, estatística, algoritmos, todos estes são cruciais para a história das Mulheres Invisíveis. Mas eles contam somente metade da história. Dados são apenas uma outra palavra para a informação, mas a informação tem muitas fontes. A estatística é um tipo de informação, sim, mas também o é a experiência humana. (Prefácio)” – tradução da autora.

<sup>8</sup> Aparentemente esta atitude vem desde os tempos dos anglo-saxões. Os antropologistas que estudam tumbas dos anos 475 e 625 a.C. nos velhos cemitérios ingleses descobriram que as mulheres jovens eram enterradas com mais tesouros que as mulheres velhas” (tradução da autora).

afeta ao homem idoso: a potencial perda da saúde. No entanto, para a mulher velha, mesmo que não perca a saúde, o fato do seu gênero faz com que ela não seja mais fértil com a menopausa, embora isso não afete suas demais capacidades físicas nem mentais, apesar de acarretar mudanças físicas causadas pela mudança hormonal.<sup>9</sup> Já o homem (pelo menos teoricamente) continua fértil. Se o valor de uma mulher é relativo à sua capacidade de procriar, então a mulher idosa passa a valer menos.

Outra perda importante – talvez a mais importante – especialmente na nossa sociedade ocidental, é a perda de autoridade. Senão vejamos, tomando um exemplo muito simples, de dentro das nossas casas e até da nossa cultura popular. A mulher velha que fala por si só tem um papel: é representada como “bruxa”, “coruja”, “mandona”, “prepotente”. A equação é simples: homem velho que fala o que pensa é forte, articulado, lutador. A mulher velha que se expressa sem “papas na língua” é no mínimo chamada de “histérica”, “louca” e indesejável. Pelo menos, tal é o caso na nossa sociedade, e tenho certeza absoluta que todas as mulheres que trabalham ou trabalharam com homens encontraram muitos obstáculos se obtinham ou obtêm uma posição de comando. Quem não se lembra, não faz muito tempo, quando nós mulheres saíamos dirigindo um carro, basicamente todos os homens baixavam a janela do seu carro e gritavam, “Vai lavar roupa, dona Maria!” Triste, mas verdadeiro.

---

<sup>9</sup> Acho que deve ficar bem claro que, pelo menos para mim, ser mãe não é condição absoluta para uma mulher ser mulher. Para muitas, esta não é

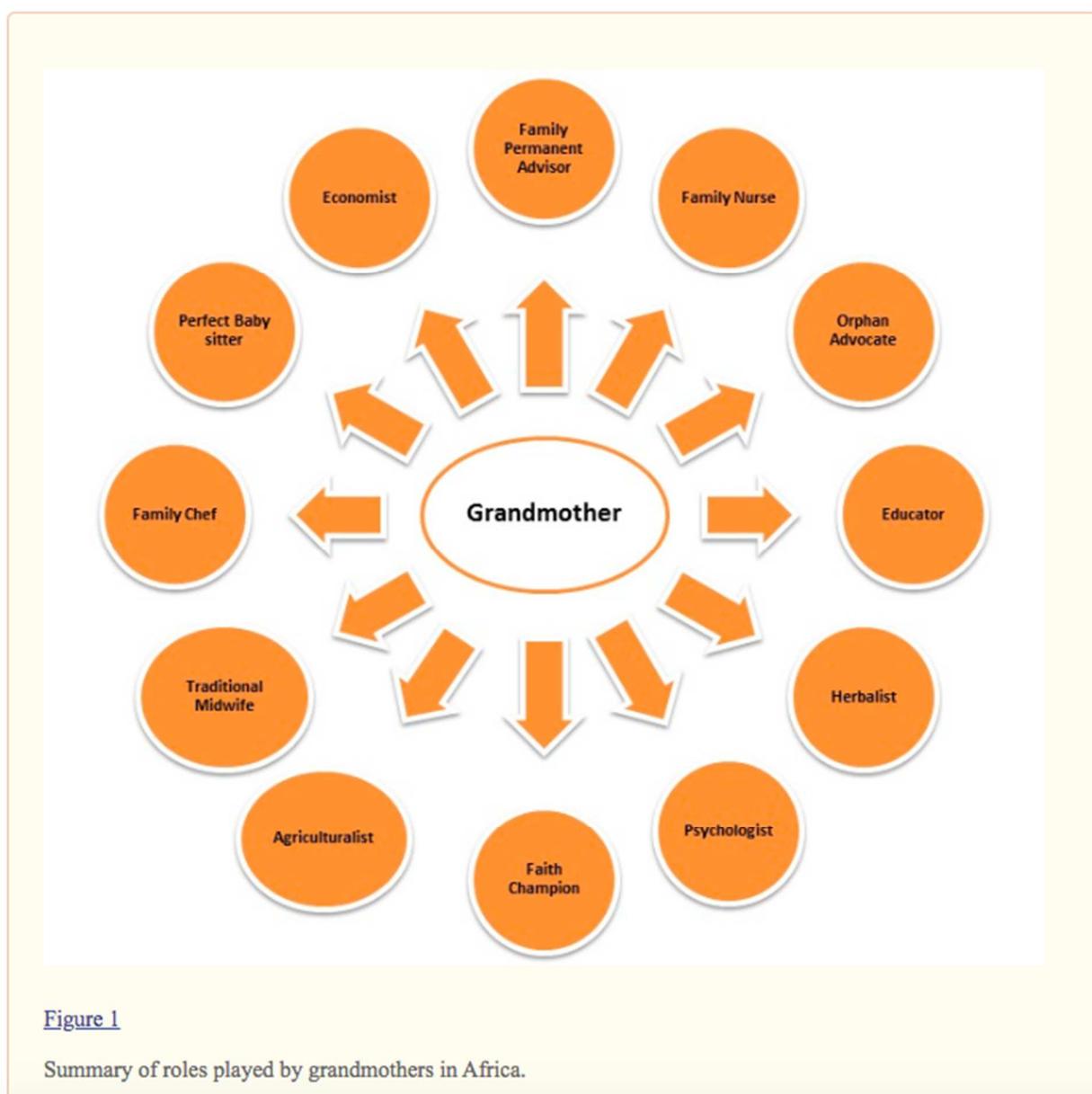
### **Vamos aprender com outras culturas, via internet?**

Na nossa cultura ocidental, em que há um grande apreço às aparências, ao ter ao invés do ser, costumamos esquecer que temos muito que aprender de outras culturas. Nem todas as mulheres têm que sair de casa para que seu trabalho tenha valor. Sim, é verdade que as mulheres jovens, de meia idade e idosas conquistaram (muitas vezes a duras penas) seu lugar no trabalho remunerado, fora de casa. Mas aquelas que, por uma razão ou outra, ainda continuam ou continuaram em sua casa, cuidando dos filhos, da economia doméstica, do marido, dos parentes, tem tanto valor quanto a mulher que fez cursos superiores, galgou os degraus da academia, virou capitã de indústria, cientista, escritora.

Podemos aprender com outras culturas como a mulher idosa pode ser tratada! Sugiro a todos a leitura do artigo escrito por Janet Michel, Astrid Stuckleberger, Fabrizio Tediosi, David Evans e Piet van Eeuwijk para o *Journal of Global Health (Revista Global da Saúde)*: “The roles of a Grandmother in African societies — please do not send them to old people’s homes” (“Os papéis da Avó nas sociedades africanas—por favor não as enviem aos asilos de velhinhos”).

Neste artigo, os autores iniciam informando-nos que o dia 1 de outubro é o Dia Internacional dos Idosos, algo que foi criado há mais de vinte anos, mas que muitas pessoas não sabem e muito menos comemoram. No entanto, na África, de acordo com os autores, a avó ocupa várias funções de importância fundamental para a família:

uma opção por várias razões que devem ser respeitadas.



Isto é, a avó, apesar de mais velha, de muito provavelmente não ser tão bonita como quando era jovem, de não poder ter um trabalho fora de casa, na África ainda é: 1. A herbalista que transmite conhecimento de ervas e tratamentos caseiros; 2. A psicóloga que traz conforto em casa e nos funerais, ajudando a celebrar a vida dos que faleceram; 3. A transmissora de conhecimentos religiosos; 4. A agricultora que sabe quando é tempo de cultivar as plantas da estação correta. Tal

conhecimento, especialmente em face do aquecimento global, é crucial não só para a África mas para todo o mundo, porque precisamos saber aproveitar cada espaço de terra, usando métodos que respeitam a própria terra; 5. A educadora familiar, aquela que tem o tempo para transmitir a cultura da família e da região; 6. A economista que ajuda na manutenção da casa através de seus cuidados com as despesas; 7. A babá perfeita, que cuida dos pequenos enquanto os pais trabalham; 8. A cozinheira da família, a

que tem as melhores receitas e sabe aproveitar tudo; 9. A enfermeira da família, que trabalha grátis, muitas vezes por 24 horas por dia; 10. A parteira que acompanha as jovens mães nas horas difíceis do parto e depois; 11. A advogada dos órfãos; 12. A conselheira permanente da família.

Ao colocar as mães e avós idosas – ou qualquer idoso, na verdade – em asilos, a família (tanto na África como em qualquer lugar) perde muito deste contato, deste conhecimento, muito dele que vai desaparecer para sempre quando esta pessoa morre. Claro que às vezes as pessoas velhas são consideradas “difíceis.” Pense bem: se você perder tudo aquilo que é importante para você – cônjuge, emprego, amigos da sua idade, sua casa – e se sentir rejeitado/rejeitada, se sua contribuição e seu trabalho forem considerados desnecessários e antiquados, sua saúde estiver declinando e suas dores aumentando, como você se sentiria? Delirantemente feliz todo o tempo?

As mulheres mais velhas em especial, depois de uma vida em que sofreram discriminações no trabalho, e dedicaram seus melhores anos ao bem estar de todos na família, merecem seu respeito, e atenção. Ela pode não ser mais uma capitã de empresa, uma grande cientista, uma reconhecida escritora, e talvez nem consiga cozinhar mais aquela comidinha gostosa que você se lembra da sua infância. Mas ela está lá, parte de você.

Você pode subir e subir, galgar montanhas profissionais (e todas as velhas de sua vida estão torcendo por você, pode crer!), e inclusive aprender as receitas mais sofisticadas na internet, ou

num curso no shopping, ou num curso pra ser chef. E as velhas colegas de hoje estão torcendo para você também, os colegas e as colegas mais jovens. E se você não respeitar suas colegas de trabalho somente porque elas já cumpriram suas muitas décadas, lembre-se que você também vai envelhecer. É só uma questão de tempo. E sorte.

### Bibliografia

ANDRADE, Hanrikson. “Expectativa do Brasileiro aumenta 25 anos entre 1960 e 2010.” Notícias UOL. 29/06/2012.

<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/06/29/pesquisa-do-ibge-mostra-que-brasileiros-vivem-25-anos-a-mais-do-que-em-1960.htm>

CRIADO-PEREZ Caroline. *Invisible Women: Data Bias in a World Designed for Men*. New York: Abrams Press, 2019.

IBGE.

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?=&t=o-que-e>

*Journal of Global Health*. Vol 9, n. 1, Junho de 2019.

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6551481/>

MICHEL, Janet, Astrid Stuckleberger, Fabrizio Tediosi, David Evans e Piet van Eeuwijk. “The roles of a Grandmother in African societies— please do not send them to old people’s homes.”

Social Security.

<https://www.ssa.gov/planners/retire/agereduction.html>

WEXLER, David. “Ancient People buried older women with less treasure.” *Quartz*. 24.7.2018.

<https://qz.com/1327151/anglo-saxons-valued-young-beautiful-women-and-old-powerful-men-sound-familiar/>

Recebido em 2019-11-07

Publicado em 2019-12-18